

“Pelo sentimento e pela intuição o homem pode colocar-se em comunicação direta com o próprio *substratum* do mundo. Ao fazer isso, o homem não emprega o raciocínio, mas a prece. Esta é a aproximação experimental do espírito, sendo o espírito a substância que reveste mais intimamente tudo o que existe. Sempre existiram os grandes inspirados, que, por um fenômeno análogo à telepatia, colocaram-se em contato com uma força que é, a um e ao mesmo tempo, imanente no universo e transcendente dele.

“Contudo, como no caso da clarividência, as experiências desses místicos não podem ser expressadas em linguagem comum. O conhecimento de que atingem o seu objetivo é semelhante àquele do artista e do amante. Não há palavra capaz de descrever isso. A fim de chegar a Deus, os místicos usam uma técnica muito difícil e elaborada. É muito mais árduo tornar-se um grande místico do que tornar-se um grande médico ou químico. Os místicos têm a percepção de haver estabelecido contato direto com Deus. Eles o alcançam através da noite da inteligência, por intermédio do desejo e do amor. A analogia, neste caso, é com a clarividência, que se manifesta no mais alto grau quando os processos intelectuais param, quando a mente está vazia.”

17

MAETERLINCK: DIANTE DO GRANDE SILÊNCIO

Na conversação comum nós usamos a frase “O Pássaro Azul da Felicidade”, mas poucos se lembram de que ela provém de uma peça teatral de extremo sucesso, escrita pelo dramaturgo e ensaísta belga Maurice Maeterlinck (1862-1949), que foi um diligente estudioso dos fenômenos psíquicos. Robert Beachboard recordou “A Loucura do Pássaro Azul” (*Western Humanities Review*; Volume 10, 1956), que varreu os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e toda a Europa, no princípio do século; o pássaro azul permaneceu como “o mais popular símbolo da felicidade”, até mesmo em nossa própria época. Numa divisão em cinco atos, o tema da “peça de

fadas”, como o autor a chamava, combinava a encantadora inocência de suas crianças, Tytyl e Mytyl — que procuravam a felicidade em um mundo além da vida terrena — com a questão fundamental da posição do homem no universo. As crianças retornam de sua jornada em um benigno outro-mundo; Tytyl exclama: “Não há mortos.”

W. D. Halls, em sua biografia *Maurice Maeterlinck: A Study of His Life and Thought* [Maurice Maeterlinck: Um Estudo da Sua Vida e do Seu Pensamento] (Londres, 1960), conclui que o autor alcançou “o mais alto pico do otimismo” em *The Blue Bird* [O Pássaro Azul]. Entretanto, as crianças não encontram o pássaro azul e Maeterlinck parece argumentar que “a felicidade só pode ser temporária” e que a “morte continua sendo o grande e insolúvel enigma da humanidade”. A peça, que depois se transformou num filme de Walt Disney, estrelado por Shirley Temple, deu ao autor uma popularidade além da sua capacidade para tolerar a adoração pública. Durante a II Guerra Mundial, quando ele partilhou o exílio com o Professor Albert Einstein, nos Estados Unidos, os dois homens almoçavam juntos em Nova Iorque — com o rígido acordo de que nem a Teoria da Relatividade nem o *Pássaro Azul* seriam mencionados.

Como Maeterlinck alcançou este sucesso quase acidental, juntamente com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1911, e como isso se prende à sua preocupação com os fenômenos psíquicos? De maneira curiosa, mas, em termos de psicologia, de modo algum uma surpresa, o tema da perseguição infantil da felicidade é o reverso de uma moeda que leva a marca da melancolia persistente. Como filho de uma família bem-estabelecida, de antecedentes flamengos, o Maurice de quinze anos de idade passou as férias de verão na propriedade de campo de sua avó; de volta para casa, ele escreveu um ensaio que tratava de animais, em termos humanos, sobrenaturais e simbólicos. Ele escreveu e falou sobre a significação da morte desde muito cedo, desde 1885. No ano seguinte, começou uma estadia de três anos em Ghent, praticando leis de um modo mais ou menos vagaroso. Era chegado à natureza, às flores e à criação de abelhas (mais tarde ele escreveu um livro amplamente lido, *The Life of the Bee* [A Vida das Abelhas], e se ocupou com a clarividência nos sonhos, desde 1887.

O primeiro sucesso de Maeterlinck em Paris, no ano de 1890, deveu-se, principalmente, a um artigo muitíssimo favo-